



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
COMUNICAÇÃO SOCIAL: PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**RAIMUNDO DE SOUSA FREITAS**

**MANUEL PARDAL: O MENINO QUE NASCEU SEM COR**

Livro ilustrado para crianças sobre o limbo racial da população parda no Ceará.

FORTALEZA-CE  
2023

RAIMUNDO DE SOUSA FREITAS

**MANUEL PARDAL: O MENINO QUE NASCEU SEM COR**

Livro ilustrado para crianças sobre o limbo racial da população  
parda no Ceará.

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Comunicação  
Social — Publicidade e Propaganda, do  
Instituto de Cultura e Arte da Universidade  
Federal do Ceará, como requisito parcial  
para obtenção do título de Bacharel em  
Comunicação Social — Publicidade e  
Propaganda.**

**Orientadora:** Geísa Mattos de Araújo Lima

FORTALEZA-CE

2023

RAIMUNDO DE SOUSA FREITAS

**MANUEL PARDAL: O MENINO QUE NASCEU SEM COR**

Livro ilustrado para crianças sobre o limbo racial da população parda no Ceará.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social — Publicidade e Propaganda, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social — Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Geísa Mattos de Araújo Lima

Aprovado em 07/12/2023

BANCA EXAMINADORA

---

**Profa. Dra. Geísa Mattos de Araújo Lima (Orientadora)**  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

**Profa. Ma. Glícia Maria Pontes Bezerra**  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

**Profa. Dra. Inês Silvia Vitorino Sampaio**  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## RESUMO

A dinâmica racial presente no Ceará, principalmente no que envolve o grupo denominado como pardos pelo IBGE, preenche a narrativa principal do projeto ilustrado “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor”. No estado do Ceará, o contingente populacional da população parda, de acordo com o último relatório do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), correspondia a 66,2% da população total. A partir disso, o presente trabalho investiga o denominado “Limbo Identitário Racial dos Pardos” (Gomes, L. F. E. (2019) que é fortalecido no imaginário social junto a uma ação da mídia na construção de uma imagem negativa de indivíduos negros e indígenas (racializados), gerando assim um recuo á uma possível adoção da negritude. Na narrativa do livro, as principais questões que atravessam os indivíduos pardos são evocadas por meio da vivência do protagonista, Manuel Pardal, uma criança cearense e junto a isso, são exploradas as consequências dos discursos racistas presentes em diversas mídias de comunicação, no fortalecimento dessa não identificação dos pardos.

**Palavras chaves:** Pardos; Ceará; Ilustração; Limbo Racial; Raça e Cor; Autodeclaração.

## ABSTRACT

Racial dynamics in Ceará, particularly those involving the population classified as pardo (mixed-race) by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), form the central narrative of the illustrated project *Manuel Pardal: The Boy Who Was Born Without a Color*. According to the latest report from the Institute for Research and Economic Strategy of Ceará (IPECE), individuals classified as pardo represented 66.2% of the state's total population. Based on this context, the present work investigates what Gomes (2019) refers to as the “Racial Identity Limbo of Pardos,” a condition reinforced within the social imaginary and through media practices that construct negative representations of Black and Indigenous (racialized) individuals. This process contributes to a reluctance to embrace Black identity. In the book’s narrative, the main issues that affect pardo individuals are explored through the experiences of the protagonist, Manuel Pardal, a child from Ceará. The story also examines how racist discourses present across various forms of media strengthen this lack of racial identification among pardos.

**Keywords:** Pardos; Ceará; Illustration; Racial Identity Limbo; Race and Color; Self-Identification.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico Distribuição percentual da população por cor ou raça..1	
Figura 2 – Livro Amoras.....16	16
Figura 3 – Livro Cor de Coraline.....16	16
Figura 4 – Livro Sulwe.....17	17
Figura 5 – Rascunho do protagonista do Livro “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor.....19	19
Figura 6 – Roteiro.....20	20
Figura 7 – Paleta de cores I.....21	21
Figura 8 – Paleta de cores II.....22	22
Figura 9 – Paleta de cores III.....22	22
Figura 10 – Sketches do livro I .....23	23
Figura 11 – Sketches do livro II.....23	23
Figura 12 – Ilustração I.....24	24
Figura 13 – Ilustração II.....24	24
Figura 14 – Ilustração III.....25	25
Figura 15 – Ilustração IV.....25	25
Figura 16 – Ilustração V.....25	25
Figura 17 – Ilustração VI.....25	25
Figura 18 – Ilustração VII.....26	26
Figura 19 – Ilustração VIII.....26	26
Figura 20 – Ilustração IX.....26	26
Figura 21 – Ilustração X.....26	26
Figura 22 – Ilustração XI.....26	26
Figura 23 – Ilustração XII.....26	26
Figura 24– Ilustração XIII.....27	27
Figura 25 – Ilustração XIV.....27	27
Figura 26 – Ilustração XV.....27	27
Figura 27 – Ilustração XVI.....27	27
Figura 28 – Ilustração XVII.....27	27
Figura 29 – Ilustração XVIII.....27	27
Figura 30 – Ilustração XIX.....28	28
Figura 31 – Ilustração XX.....28	28

<b>Figura 32 – Ilustração XXI.....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 33 – Ilustração XXII.....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 34 – Ilustração XXIII.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 35 – Ilustração XXIV.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 36 – Ilustração XXV.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 37 – Ilustração XXVI.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 38 – Ilustração XXVII.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 39 – Ilustração XXVIII.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 40 – Ilustração XL.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 41 – Ilustração XLI.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 42 – Ilustração XLII.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 43 – Ilustração XLIII.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 44 – Ilustração XLIV.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 45 – Ilustração XLV.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 46 – Ilustração XLVI.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 47 – Ilustração XLVII.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 48 – Ilustração XLVIII.....</b>	<b>31</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. PROBLEMA DE COMUNICAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>11</b>
<b>4. OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>4.1. Geral.....</b>	<b>13</b>
<b>4.2. Específicos.....</b>	<b>13</b>
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>5.1 Conceituando indivíduos pardos no Nordeste.....</b>	<b>15</b>
<b>5.2 Classificação Racial dos pardos .....</b>	<b>16</b>
<b>5.3 Branco é raça .....</b>	<b>18</b>
<b>5.4 Conceituando a atuação da mídia na retratação de negros e indivíduos racializados.....</b>	<b>19</b>
<b>5.5 Referencial Prático e Trabalhos Similares.....</b>	<b>20</b>
<b>5.5.1 Amoras Emicida.....</b>	<b>21</b>
<b>5.5.2 A cor de coraline.....</b>	<b>22</b>
<b>5.5.3 Sulwe.....</b>	<b>23</b>
<b>6. METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
<b>6.1 Bibliografias.....</b>	<b>24</b>
<b>6.2 Elaboração visual.....</b>	<b>24</b>
<b>6.3 Conceito.....</b>	<b>24</b>
<b>6.4 Roteiro.....</b>	<b>25</b>
<b>7. DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>7.1. Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor.....</b>	<b>26</b>
<b>7.2 Paleta de cor.....</b>	<b>26</b>
<b>7.3 Tipografia.....</b>	<b>27</b>
<b>7.4 Sketches.....</b>	<b>27</b>
<b>7.5 Ilustrações.....</b>	<b>28</b>
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“Manuel Pardal: o menino que nasceu sem cor” toma como objeto de pesquisa a existência do chamado “Limbo racial”.

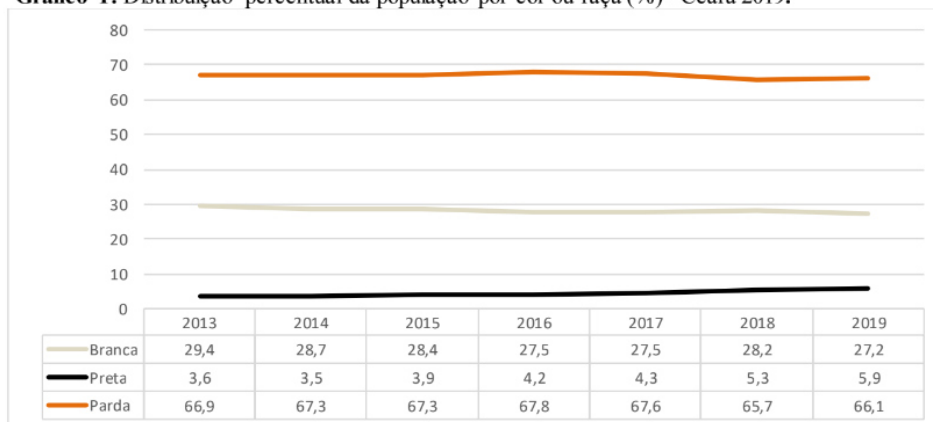
O limbo racial-identitário recebe esse nome pela obviedade do que ele é: um (não) lugar onde pardos estão, cuja característica principal é a ausência de identidade e consciência racial (a partir dessa, outras peculiaridades são geradas).”(GOMES, 2019, p. 1)

Esse limbo em que se localizam os indivíduos que se denominam como pardos vai ser inserido em uma perspectiva de análise sobre como esse espaço foi criado por meio de um conjunto de processos sociais que atravessam a história do Brasil. O livro toma como recorte a questão específica dos pardos no Ceará, visto que raça é um conceito que deve ser observado também pelo aspecto regional.

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua 2022, 42,8% dos brasileiros se declararam como brancos, 45,3% como pardos e 10,6% como pretos. Ao realizar um recorte estadual, segundo o IPCE em 2019, a população declarada de cor branca representava 27,2% da população residente, ao passo que a declarada de cor preta era de 5,9% e a declarada de cor parda correspondia a 66,2%. Entretanto, nesse mesmo relatório é explicitado que em 2013, essas estimativas eram, respectivamente, 29,4% (branca), 3,6 % (preta) e 66,9% (parda), ou seja, houve uma redução em 6 anos dos números correspondentes das populações preta e branca,

Figura 1 – Gráfico Distribuição percentual da população por cor ou raça (%) – Ceará 2019

**Gráfico 1:** Distribuição percentual da população por cor ou raça (%) - Ceará 2019.



Fonte: Pnad Contínua Anual IBGE (1ª visita). Elaboração própria.

Disponível em : <<https://www.ipece.ce.gov.br/ipece-informe/>>

Acesso em: 10 de novembro de 2023

Essa redução abre questionamentos sobre como se dá esse processo de autodeclaração. Alguns cearenses que se denominam como pardos podem não ter consciência de que este grupo integra a categoria de negros. Sendo assim, é possível que a autodenominação pardo, por parte destes, nasça de confusão acerca da sua real identidade racial. Nesse sentido, o objetivo principal do livro é tornar-se uma ferramenta de auxílio no processo de letramento racial para crianças na faixa entre 8 a 10 anos, especialmente em escolas públicas cearenses, elucidando a ideia do que é o pardo.

Neste livro ilustrado, o personagem principal é uma criança parda cearense que possui uma série de questões identitárias e raciais. Através de situações cotidianas e questionamentos internos, a narrativa do livro procura levantar reflexões sobre a forma como o indivíduo classificado como pardo é lido no Brasil, especificamente no Ceará, e de como há uma incógnita sobre o lugar que esta classificação racial ocupa no imaginário social.

Além disso, enfatiza-se durante o enredo como a mídia teve um papel essencial na construção negativa do que se compreende enquanto negro, resultando em um afastamento de possíveis identificações dos pardos com esse grupo.

Com “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor” busca-se entender como a dinâmica histórica e social que constituiu o Brasil gerou um produto denominado “população parda”, em que residem uma série de indivíduos confusos acerca de sua própria identidade racial. O contexto em que nasce o projeto é resultado de questionamentos pessoais do autor sobre sua identidade racial e também da própria história de formação do Brasil, visto que, o país sofreu um intenso processo de miscigenação que foi responsável pelo apagamento da identidade de boa parte de seus habitantes.

“Em um país de dimensões continentais em que a composição étnica se deu não apenas envolvendo dois grandes grupos raciais, como os descendentes de povos africanos e europeus, mas envolvendo também o indivíduo proveniente de etnias indígenas nativas, o sistema de classificação racial que determina o lugar do indivíduo e dita relações raciais no país da mestiçagem seria afetado por um terceiro fator, o sangue indígena, que alteraria o fenótipo/cor, movendo o entendimento acerca da classificação de raça de maneiras diversificadas.” (AURELIANO e SANTANA, 2021, p.96)

O projeto primeiramente parte do entendimento de que a pluralidade racial no Brasil, constituída a partir da miscigenação, endossa uma série de dúvidas sobre qual grupo racial os pardos ocupam. Como exemplo, diversos indivíduos pardos por serem fruto de casais inter-raciais possuem essa dúvida sobre seu pertencimento, desde a infância. Como cita a

autora Luciana Rodrigues em sua experiência pessoal “Com uma mãe branca e um pai negro, nasci em um país onde, como já ouvi em diferentes momentos, posso ser considerada ‘café com leite’, ‘moreninha’, ‘morena’, ‘cor de cuia’. (RODRIGUES, 2022, p.3)

Compreende-se isso como resultado de várias ações tais como as operações coloniais miscigenadoras que diluíram os grupos raciais existentes, tornando a identificação racial um processo extremamente complexo.

“No início do século XX, questões relativas ao desenvolvimento, industrialização e progresso da nação acompanhavam o cenário político brasileiro. Impulsionadas por ideais eugenistas, o branqueamento da população, com vistas à purificação da raça, passava a ser uma política governamental cujas estratégias incluíram a abertura do Brasil para a imigração europeia de países como Alemanha e Itália – o Rio Grande do Sul” (RODRIGUES, 2021, p.5)

Em complemento a isso, a miscigenação, concebida e concretizada pelo Estado como estratégia de branqueamento da população brasileira. Esta ação foi adotada como forma de reverter a grande parcela formadora do país, que, no período em que foi implantada, constituía-se integralmente de negros, indígenas e portugueses. “Imigrantes europeus aos quais o Brasil abriu suas portas na década de 30, por meio de políticas de incentivo à imigração que visavam ao “desaparecimento do negro por meio da ‘salvação’ pelo sangue europeu” (NASCIMENTO, 2016, p. 85).

Elencam-se também as políticas de branqueamento e eugeniização da sociedade brasileira, que impuseram um processo brutal de apagamento das identidades que desviavam do padrão branco europeu, criando assim um desejo de pertencimento à branquitude e expandindo os limites do chamado ‘limbo racial’.

“A violência colonial produziu uma noção racial hierarquizada, pela qual o sujeito branco (masculino, cisheteronormativo, cristão, elitista e europeu) se colocou no centro do que considerou como modelo universal de humanidade, em contraponto a todas/os produzidas/os como outras/os, pertencentes aos povos negros e indígenas, passíveis de, nesse processo, terem sido desumanizadas/os, exploradas/os, escravizadas/os aqui pelas terras tupiniquins.”(RODRIGUES, 2021 apud BENTO, 2014, p.4)

Posteriormente ao período colonial, apesar das profundas transformações sociais que o Brasil sofreu, as estruturas com resquícios do sistema colonial se mantiveram e auxiliaram na construção de inúmeras novas configurações da sociedade. Dentre estas, a mídia brasileira, que, mesmo com uma roupagem moderna, mantém em seu conteúdo uma mensagem fortemente atrelada a um pensamento racista. “O discurso racista que vemos hoje nas mídias é o reflexo do discurso produzido secularmente pelas elites dominantes, que

acabou por contaminar, inclusive, o discurso das classes subalternas.” (DALMO, 2008, p. 5)

Essa atuação da mídia brasileira contribuí e endossa um pensamento, dentre a própria população parda, de que a imagem do negro e da própria alteridade ao branco, é algo extremamente negativo e deve ser evitado. “Ter o branco como modelo de identificação torna a aproximação a este mesmo modelo a única possibilidade de tornar-se gente.” (SOUZA, 1983 apud RODRIGUES, 2021, p.4).

Portanto, todos os processos acima citados, complementam a construção do presente trabalho “Manuel Pardal: O Menino que nasceu sem cor” que tem o intuito de estabelecer uma conexão entre a questão racial dos pardos e a veiculação dos discursos racistas pela mídia, através de um livro ilustrado que se vale de conhecimentos técnicos do campo acadêmico da área de Comunicação Social: Publicidade e propaganda, com o objetivo de contribuir para o letramento racial de crianças no Ensino Fundamental, prioritariamente do Ceará, mas também podendo ser importante em outros Estados brasileiros.

## **2. PROBLEMA DE COMUNICAÇÃO**

O livro “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor” explora as inquietações sobre os atravessamentos raciais dos pardos, tendo como resultado um produto material, um livro ilustrado para crianças de 8 à 10 anos que promove a reflexão sobre o pertencimento racial. Este livro, como instrumento educativo, irá fornecer um auxílio no processo de letramento racial de crianças cearenses, visto que aborda questões sobre autodeclaração racial, racismo midiático, a violência da escravidão e os heróis e heroínas negras cearenses invisibilizados pela História oficial, tudo isso elaborado por meio das ilustrações com elementos estéticos e metafóricos.

Em um primeiro momento, para compreender o papel do livro enquanto um produto educacional e de comunicação sobre a questão racial, é de extrema importância compreender anteriormente as dinâmicas das relações raciais existentes no Ceará. Com a maioria da população do estado do Ceará declarando-se parda, 66,2%, o espaço ocupado por esse grupo é de uma relevância considerável na sociedade cearense e de modo semelhante, esta mesma população representa uma grande parcela no âmbito nacional. Entende-se, que essa configuração relativamente atual é resultante de um processo de miscigenação que teve início com as grandes navegações nos séculos XV e XVI. Estas propiciaram o encontro entre povos e nações muito diferenciadas, dando lugar à necessidade de pensar o outro na sua alteridade

(PETRUCCELLI, 2013).

Nesse primeiro instante, o encontro entre os povos originários, de povos escravizados trazidos violentamente de reinos no continente africano, dos colonizadores brancos portugueses e de outros europeus colonizadores que vieram explorar o Brasil, gerou um início de miscigenação que se fez, na maioria das vezes, por meio do estupro e violação de mulheres indígenas e negras.

“Mas o homem português casava com mulheres portuguesas e brasileiras, livres e brancas, mas também casava com mulheres alforriadas, pardas e negras. Não se furtava a relacionar-se com mulheres de cor, com escravas—cujas provas, os rebentos pardos e mulatos, podem ser encontradas a rodo nos livros de batismos de escravos e nos registros de alforrias—, mas sobretudo com algumas mulheres que apenas haviam saído do cativoiro.” (FLORENTINO, 2002, p.2)

Posteriormente, a literatura cita que, no final do século XIX, foi estruturado no Brasil um processo de branqueamento da população, que englobou até o Ceará. A dimensão do projeto tinha como objetivo “clarear” o país, que trazia em seus traços características marcantes dos grupos negros e indígenas, por intermédio da população que se denominava mestiça. Este movimento de branqueamento do Brasil, foi viabilizado pelo Estado por meio do incentivo à imigração de europeus, que atraídos por incentivos econômicos, viam no Brasil uma nova possibilidade de construção de vida. Esse projeto de branqueamento da população brasileira representa a outra face da ideologia da mestiçagem. Ideologia esta, que sustenta o mito do encontro das três raças fundadoras da população brasileira e que se traduz numa celebração abstrata (CARVALHO, 2004)

Essa ideologia do mito da “democracia racial” (FREYRE,1933) não encontra respaldo na materialidade em nenhum dos momentos da história do Brasil, pois a miscigenação promovida no início da colonização não foi um encontro “das raças” e sim uma violação aos direitos de diferentes grupos étnicos, e posteriormente a tentativa de branqueamento do Brasil apenas confirmou o sentimento existente do Estado e da sociedade em repelir tudo aquilo entendido enquanto não-branco.

Entende-se, portanto, que desse mesmo sentimento de repulsão ao negro e a toda alteridade ao branco foi construído o discurso em que opera a mídia brasileira. Nesse sentido, a problemática de comunicação do projeto reside justamente em explorar, por meio de um livro ilustrado dirigido a crianças, e, portanto, utilizando-se de uma linguagem adequada a estas, uma questão complexa, isto é, os tensionamentos raciais que atravessam os pardos, passeando durante a narrativa na questão da atuação enviesada da mídia no que tange à representação dos negros. Cabe destacar que essa atuação encontra um impacto extremamente

potente na sociedade.

Uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer; modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles” (KELLNER,2001,p9).

Na narrativa do livro, são expostas situações que ilustram brevemente o modo como há uma representação negativa dos negros pela mídia, e de como isso, por meio da perspectiva do protagonista, ilustra o sentimento de receio da população parda com uma identificação com negros e um sentimento de aspiração em pertencer à branquitude.

Valendo-se do denominado “limbo racial”, alguns indivíduos pardos realizam o movimento de apropriação de elementos estéticos que possam afastar da identidade não-branca. Esse desejo pela branquitude se materializa justamente como consequência da penetração desses discursos no imaginário. Ser negro, ou ser não-branco no Brasil, é ser colocado sempre em uma posição de inferioridade e subalternidade nas imagens que circulam majoritariamente na televisão, no cinema e nas propagandas.

Em relação a metáforas pejorativas, as investigações sobre racismo revelam que é frequente a associação de pretos e pardos a construções negativas, tais como mau cheiro, sujeira, pecado, castigo, tragédia, feiura, animais (personagens antropomorfizados), baderna, maldade, periculosidade e ameaça social (DA SILVA & ROSEMBERG, 2008, p73)

Deste modo, tendo a existência da possibilidade de ocupar esse “não-lugar” por parte dos pardos, essa dinâmica vai sendo explorada. Com isso posto, adentra-se em como “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor” explora a forma como os questionamentos raciais sobre pertencimento da população parda estão latentes e de como há a presença de um forte “limbo racial”. O livro permite a reflexão sobre algumas questões, como: quais estereótipos estão sendo reproduzidos pela mídia dos indivíduos racializados? Como essas representações afetam diretamente a percepção dos pardos sobre grupos racializados? E de que forma a não representação dos pardos nas mídias gera essas dúvidas que fortalecem o limbo racial?

No decorrer da narrativa, são elucidadas algumas das estratégias e possibilidades de respostas para tais questionamentos.

### 3. JUSTIFICATIVA

O Projeto se justifica como uma contribuição na forma de ferramenta educativa no campo das relações raciais, por meio da incorporação dos aprendizados estéticos e técnicos adquiridos no Curso Comunicação Social: Publicidade e Propaganda.

Em face dessas informações, tem-se que o presente projeto traz sua importância primeiramente do movimento de expor reflexões e questionamentos que atravessam a vivência dos indivíduos autodeclarados como pardos. A narrativa, que traz elementos estéticos e metafóricos que exemplificam as principais dúvidas raciais que atravessam os pardos e se propõe a materializar os sentimentos de não pertencimento desses indivíduos, proporciona uma potente ferramenta de auxílio aos educadores no processo de letramento racial.

Cabe destacar que o livro ilustrado “Manuel Parda: O menino que nasceu sem cor” se direciona a crianças de 8 à 10 anos, atuando no processo de letramento racial desses indivíduos. A faixa etária escolhida para o público-alvo obedece as capacidades de apreensão que a maior parte dessas crianças tem, nesta idade. Para Piaget (2004) o processo de desenvolvimento infantil possui quatro estágios de desenvolvimento intelectual, sendo o período denominado como operatório-concreto (07-12 anos), em que a criança possui a capacidade de pensar as relações lógicas, para além da observação da realidade material, tornando-se autônoma como sujeito. Sendo assim, tendo o público-alvo indivíduos dessa faixa etária, a apresentação dos conceitos raciais explorados no livro “Manuel Parda: O menino que nasceu sem cor” é adequada.

Para além disso, a execução do projeto se justifica por meio do que é estabelecido pela Lei nº 11.645/08 que prevê o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena e das relações étnico-raciais. Segundo esta lei:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (LDBE

Tendo a escravidão e a miscigenação forçada como acontecimentos históricos que impactaram diretamente a cultura dessas populações no Brasil, o livro visa refletir a partir disso e possibilitar uma discussão pedagógica sobre pertencimento racial nas salas de aula do Ensino Fundamental, utilizando-se de uma linguagem acessível e interessante para as crianças, que as possibilite compreender as relações raciais no Brasil, contribuindo para reverter a atual lacuna existente nas escolas, nas quais a lei não vem sendo cumprida adequadamente, muitas vezes por falta de conhecimento e instrumentos dos próprios professores para lidar com as complexidades que atravessam o tema.

A produção de “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor” se justifica também como material complementar no processo de ensino das seguintes competências já estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

- Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais aplicadas para o Ensino Fundamental.:
  - C1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
- Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais aplicadas para o Ensino Médio:
  - C5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Deste modo, o livro produzido, atuará no auxílio da aplicação dessas competências durante as aulas que atravessam as questões raciais. Cabe destacar que um ponto importante a ser debatido no livro, é que a questão racial dos pardos não se limita apenas às nuances entre brancos e pretos, tendo o contingente da população indígena integrando essa denominação “guarda-chuva”, questão que também necessita de reflexão e esclarecimentos.

## **4. OBJETIVOS**

### 4.1. Geral

Criação de um livro ilustrado para crianças de 8 a 10 anos sobre o denominado “Limbo Racial” vivenciado pelos indivíduos classificados como pardos, com um foco no

processo educativo destas para que possam refletir sobre estereótipos negativos e adquirir autonomia para se reconhecer racialmente.

#### 4.2. Específicos

4.2.1. Explicitar as questões e atravessamentos raciais que perpassam a vivência dos pardos com enfoque no Ceará;

4.2.2 Construir uma narrativa que apresente os tensionamentos raciais da população cearense que se denomina enquanto parda;

4.2.3 Produzir um material que possa ser utilizado como ferramenta pedagógica para crianças dentro das escolas, a fim de que estas possam refletir sobre diferenças raciais e elaborar positivamente o seu pertencimento à categoria negro, no qual o pardo está inserido, de acordo com o IBGE.

### 5. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente projeto parte de uma base teórica de estudos e artigos que realizam uma análise sobre os temas de questões identitárias e raciais dos pardos no Brasil e no Ceará. Os temas abordados incluem: raça e cor, pretos e pardos; autodeclaração racial.

O trabalho parte dos estudos clássicos sobre relações raciais no Brasil, como Oracy Nogueira (1998) Guimarães (1995) e trabalhos contemporâneos como os de Silvio Almeida (2019), Niara Oiara (2020) e Nara Maria (2020).

Primeiramente, para tecer uma análise sobre os pardos no Ceará, é preciso antes definir um conceito norteador nesse trabalho: raça. A ideia de raça se constitui enquanto um conceito puramente sociológico, que encontra elementos de diferenciação apenas em aspectos socioculturais.

“(…) conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes” (MUNANGA, 2002, p. 19)

Nesse sentido, a ideia de raça não é algo inerente ao ser humano, como uma definição biológica pré-estabelecida. “Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico” (ALMEIDA, 2018, p19) A construção do indivíduo racializado está intrinsecamente ligada às movimentações históricas do século XVI e seus desdobramentos políticos. O mercantilismo, para além dos impactos econômicos que gerou com a abertura da Europa para o “Novo

Mundo” já antes povoado, forjou o pensamento renascentista que elaborou o conceito do “Homem Universal”, que coincidentemente existia apenas na Europa. “A noção de homem que, para nós soa quase intuitiva, não é tão óbvia quanto parece. É um dos produtos mais bem acabados da história moderna e que exigiu uma sofisticada e complexa construção filosófica.”(ALMEIDA, Silvio, 2018, p.20)

Portanto, raça se constrói justamente nessa disputa da branquitude de estabelecer a alteridade para com as outras formas de existência. As tecnologias colonialistas criadas e efetivadas operaram de forma a desumanizar as culturas para além da Europa, numa estratégia racista de encarar esses outros povos como sub-humanos, classificando seus modos de viver como estágios primários de desenvolvimento. Como que para alcançar a dita “civilidade” estes precisassem abdicar de suas identidades e passassem a emular os códigos e comportamentos europeus, suprimindo assim a dita “bestialidade” e “ferocidade” de suas culturas.

Cabe destacar que a própria definição de raça, criada e operada pela branquitude justamente como instrumento para subjugar outros povos, poucas vezes retorna para si. A branquitude se projeta enquanto a normalidade, de modo que estabelece as diferentes existências humanas sempre como sendo o “outro”. “O ser branco nasce da ideia de atribuir identidade aos outros e não ter a sua própria identidade.”(ALMEIDA, 2019, p.49). Esquece-se de que o ser branco e o ser negro são construções sociais e o negro é produto do racismo, “sobredeterminado pelo exterior” (FANON, 2008). Essas determinações racistas que são impostas são operadas, então, a partir de mecanismos como cor da pele, traços, expressões culturais e modos de vida, etc.

### **5.1 Conceituando indivíduos pardos no Nordeste**

Explorado o conceito de raça, é importante realizar o recorte pelo qual caminha principalmente o presente projeto: A questão dos pardos no Ceará. Para se entender esse tópico dos pardos no Estado, é necessário, em um primeiro momento, recorrer ao conceito elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, transcrito pelo autor Oracy Nogueira sobre a definição deste grupo social.

“Pardo é um termo que foi inicialmente usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para configurar os grupos de “cor” ou “raça”, que compõem a população brasileira. O Instituto define o significado como a mistura de cores de pele, desde a miscigenação “mulata” (negros e brancos), “cabocla” (brancos e ameríndios) e “cafuzo” (descendentes de negros e indígenas). (NOGUEIRA, 1998, p.239)

Tal definição nos permite encarar o termo pardo justamente como uma classificação que engloba as misturas provenientes dos pretos, brancos e indígenas, todas em proporções e configurações diferentes. A “mistura de raças” amplamente difundida como uma ideia que constitui o povo brasileiro, encontra no termo pardo um local de fixação e de identificação dos indivíduos que pertencem a esse espectro.

A construção do pardo no Brasil, resulta de uma política de branqueamento proposta pela elite brasileira no século XIX, que tinha como objetivo impulsionar a população do país a buscar uma dita nacionalidade, que em meio a um cenário de diversidade racial, baseou-se na estimulação da mestiçagem (AURELIANO e SANTANA, 2021)

Portanto, a mestiçagem, enquanto ferramenta para a elaboração de uma cultura nacional do Brasil, foi a justificativa para uma série de imposições e violências simbólicas operadas contra diferentes grupos étnicos. E isso se deu de múltiplas formas, por todo o território brasileiro.

Na região Nordeste, mesmo o processo de colonização tendo sido iniciado de forma contundente, com a mudança do eixo político-econômico-social para o Sudeste, este foi enfraquecido. Porém, ainda assim, a ideologia racista da mestiçagem foi operada nestes territórios. Como exemplo vivo disso, está a própria percepção dos indivíduos pardos acerca de sua definição étnico-racial nestas regiões, que perpassa esse pensamento, como destaca o historiador Clóvis Moura no censo brasileiro de 1980:

136 declarações raciais de pessoas pretas ou pardas inquiridas sobre sua autodeclaração; ressaltaram-se: “morena-canelada”, “puxa-para-branca”, “burro-quando-foge”, “quase-negra”, “pouco-clara”, “queimada-de-praia”, “queimada-de-sol”, “vermelha” e “paraíba”. (AURELIANO e SANTANA, 2021 apud MOURA, 1994, p.100)

Essa multiplicidade de termos e perspectivas presentes nas denominações raciais dessa região é uma expressão e reflexo simbólico do próprio projeto de branqueamento nacional. Essa não identificação dos pardos para com os negros no contexto do Nordeste se configura enquanto um espaço de ocupação entre não ser negro e querer ser branco: a morenidade.

A “morenidade” no Nordeste se inscreve na possibilidade de negação do ser negro, ao mesmo tempo em que aplica o também não pertencimento ao grupo étnico branco, por mais desejável que este pertencimento seja. Ou seja, assim como no restante do país, o Nordeste tensiona as relações raciais, tentando ignorar a identidade negra. A riqueza de sua simbologia linguística não implica isenção, mas sim, escolha. (AURELIANO e SANTANA, 2021, p.108)

A sociedade brasileira e por consequência, a nordestina aspirou ao branqueamento, e o pardo serviu como um instrumento para tal. Isto resultou na sua “não identificação”. “O ponto fundamental dessa tensão é a flexibilidade dos grupos pardos em circular entre os brancos e os negros, dentre as várias classificações, mas recusando – em um número significativo - ao pertencimento ao grupo étnico negro e, da mesma forma, não sendo alocados no grupo branco”. (AURELIANO e SANTANA, 2021)

Posto isso, as dinâmicas raciais múltiplas que atravessam o indivíduo pardo não permitem a sua definição clara e definitiva. A existência de inúmeras possibilidades raciais dos pardos leva apenas a localizar estes indivíduos em um limbo de não classificação, que posteriormente vai ser analisado sob o viés crítico do movimento negro, que toma para si a identificação de alguns deste grupo.

## **5.2 Classificação racial dos pardos**

A leitura dos pardos no Brasil encontra um espaço extremamente ambíguo nas classificações raciais. Popularmente encara-se o Pardo como “o lugar do não-lugar”. Escuro demais para ser branco, claro demais para ser negro O limiar. Porém, em um estudo considerado clássico, Hasenbalg (1979), elabora, a partir do cruzamento de várias estatísticas, que os pardos estão muito mais próximos do grupo dos negros quando considerados os efeitos estatísticos da discriminação racial no Brasil. Essa equivalência presente nos dois grupos engloba os dois termos, tomando como referência o denominado “negro”.

Dados do relatório do IPCE apontam algumas informações estatísticas sobre a situação dos pardos e pretos no Estado, comparando-os com a população de brancos. O resultado reforça o estudo de Hasenbalg de que os pardos estão muito mais próximos do grupo de pretos do que de brancos em termos de grau de escolaridade e renda per capita.

Em 2019, a população que se declarou de cor preta no Estado correspondia a 5,9% e de pardos 66,2%, tendo assim o estado um contingente de cerca de 72% de negros, considerando que o IBGE conceitua estes como a soma de pretos e pardos. Com essa taxa, o Ceará ocupou a décima posição entre os estados com maior percentual de pessoas que se declararam negras (pretas ou pardas). Essa população alcançou uma escolaridade média de anos de estudos correspondente a 1,6 ano menor que atingida pelos que se declararam brancos e seu rendimento médio domiciliar per capita foi quase a metade que o dos brancos. Além disso, vale salientar que mais da metade dessa população estava em ocupações informais em 2019. (IPCE, 2020, p.3)

Deste modo, podemos entender que a classificação racial dos pardos é um conceito extremamente complexo que considera uma equivalência dos aspectos econômicos destes grupos quando comparados com os negros. Logo, para os pardos, o processo de reconquistar essa dita negritude, é um movimento extremamente complexo. Como o ser negro está intrinsecamente vinculado ao olhar do outro, a negritude que é vista em alguns indivíduos pardos tem sua expressão diluída e mascarada, como forma de negar ‘essa parte negativa que pode vir a existir’.

Nesse sentido, observa-se que o apagamento da identidade negra nos pardos surge de um lugar de aspiração que faz com que o pardo ocupe o limiar mais próximo da branquitude. Nunca integralmente branco, mas sempre o mais longe possível de uma negritude. Essa estratégia colonial é operada tomando como base a ideia de que o negro representa tudo aquilo que deve ser evitado. A autoridade da estética branca define o branco como belo, como referencial a partir do mito negro. "O negro é o outro do belo", dizia Souza (1983, p. 29)

Logo, o pardo, estando nesse limiar, tende a aspirar à ideia de clarear e apagar os traços e resquícios da negritude em si. Porém, cabe destacar que o ser pardo, por ser justamente o produto desta dita “mistura de raças”, permite múltiplas leituras e em alguns casos, uma certa equivocação.

### **5.3 Branco é raça.**

A reclamação de alguns indivíduos brancos mestiços pelo título de negros (pardos) nasce de uma não exploração sobre o branco enquanto raça. Isto, pois, a ideia de raça é calcada na construção a partir do outro não humano. Sendo assim, “o negro – não humano – é em si racializável, como os demais animais de nossa espécie, já o branco é o humano, assim sendo, não racializável” (LOPEZ, 2014, p. 10). Perceber o negro enquanto expressão racial é um movimento já realizado há muito tempo, e sedimentado no imaginário social. Ser negro, indígena, amarelo são classificações construídas como alteridade pelo grupo branco hegemônico, porém a própria observação de si como branco, enquanto raça, ainda é custosa. A autora Sofvik escreve na obra “Aqui ninguém é branco” (2009):

A invisibilização do branco brasileiro no discurso público, assim como a valorização da mestiçagem, são a forma tradicional de representar as relações raciais pelas quais o Brasil é conhecido internacionalmente. Mesmo que o mito da democracia racial esteja desmascarado, sua tese central – da mistura genética da

população como base de uma convivência nacional pacífica – não foi substituída por outra que leve em conta as hierarquias raciais (SOFVIK, 2009, p. 15).

Entender que pardos se localizam em um limiar da negritude, que muitas vezes está apoiada não unicamente na cor da pele, mas em traços fenotípicos, não deve abrir espaços para que brancos mestiços reclamem este local. “Minha avó era preta”, “Minha mãe é uma mulher negra”. São afirmações populares que, quando ditas em um contexto de afirmação racial por brancos mestiços, não devem ser tomadas como provas cabais. A negritude, apesar de, em aspectos biológicos, ser hereditária, não o é em seus reflexos sociais.

Ser branco não exclui “ter sangue negro”, enquanto o elemento indígena ainda simboliza os primórdios do Brasil ou aparece como fator de complexidade na herança genética brasileira – sabendo-se pouco sobre a cultura – de brancos e também de negros. A branquitude não é genética, mas uma questão de imagem (SOFVIK, 2009, p. 36).

E, mesmo que a aparência do branco no Brasil seja discrepante quanto ao padrão europeu, é necessário lembrar que, quando inserido e analisado no contexto do país o mesmo indivíduo pode ser lido como branco. Branquitude não se refere apenas à cor da pele, mas a um sistema de dominação racial, simbólica e material (BENTO, 2014; Lourenço CARDOSO, 2010). O processo de autodeclaração, apesar de individual, está sim condicionado a um olhar social e externo para sua validação.

#### **5.4 Conceituando a atuação da mídia na retratação de negros e indivíduos racializados.**

Uma vez definidos os termos de Raça, Pardos e Negritude para este trabalho, cabe analisar um aspecto interessante presente no enredo do livro “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor” que é a forma como a mídia atua na representação de indivíduos negros e racializados e, por conseguinte, como isso constrói uma imagem negativa da sociedade sobre esses grupos sociais.

Primeiramente, é preciso entender que os discursos simbólicos produzidos e veiculados pela mídia possuem um impacto na subjetividade dos indivíduos. Estes influenciam a construção e a reafirmação das identidades individuais e oferecem modelos de comportamento a serem seguidos (KELLNER, 2001). Nesse sentido, uma vez que os produtos comunicacionais (filmes, programas de TV, telenovelas, livros) são construídos com base nas relações raciais existentes no Brasil, há uma reprodução das estruturas

racistas.

Deste modo, a representação do negro na mídia sofre de um processo de extrema estereotipação. Há uma disparidade, para com os brancos, sobre os papéis que os negros ocupam nos diversos produtos que são veiculados e, principalmente, a forma como esses corpos são visibilizados.

Em relação a metáforas pejorativas, as investigações sobre racismo revelam que é frequente a associação de pretos e pardos a construções negativas, tais como mau cheiro, sujeira, pecado, castigo, tragédia, feiura, animais (personagens antropomorfizados), baderna, maldade, periculosidade e ameaça social (DA SILVA & ROSEMBERG, 2008).

Periculosidade, desumanização e subalternização são alguns dos processos pelos quais os indivíduos negros são submetidos quando colocados na mídia. No trabalho do Doutor em Comunicação Joel Zito, “A Negação do Brasil”, é feita uma análise dos estereótipos do negro na telenovela brasileira, principalmente os mais recorrentes, tendo como foco temático a análise das representações e a presença do segmento afrodescendente na indústria cultural brasileira.

No campo jornalístico, manchetes de jornais que apresentam chamadas tendenciosas que variam de acordo com a melanina presente no sujeito da notícia, são exemplos de como a construção do discurso sobre determinados corpos classifica estes e pré-determina uma leitura da sociedade. Quando se realiza um recorte para se pensar os grupos indígenas brasileiros na mídia, tem-se uma outra configuração, que é a da deslegitimação da sua indianidade. Nesse contexto, pensa-se o indígena no sentido idealizado, colonial.

A imagem do negro foi associada à escravização e filmes e telenovelas trataram de consolidar essas representações, onde o negro, quando não interpretava o papel de escravo em novelas de época representava serviçais, sob as ordens da elite branca. O índio raramente aparece nas mídias e quando ocorre sua imagem é vinculada a um passado romântico, sendo inexistente uma imagem contemporânea dos indígenas. (PEIXOTO, 2017, p. 27)

Essa lógica de representação, à primeira vista, pode aparentar não ser tão nociva quanto a dinâmica a qual o negro brasileiro é submetido; porém, implicitamente, há nessa configuração uma ideia de “não existência” de uma forma representativa do indígena na contemporaneidade. Reforçando assim o discurso de que os povos originários foram exterminados, anulando assim a resistência realizada há séculos por parte destes.

Com base nesses trabalhos, é possível observar como a imagem do negro possui uma elaboração extremamente negativa realizada pela mídia. Esse processo foi transmitido

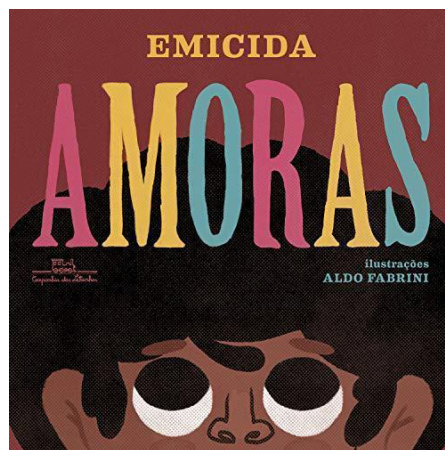
para o livro, por meio de diálogos e situações sutis as quais o protagonista Manuel foi exposto, tais como assistir a TV, acompanhar a mãe ao salão, visualizar publicidades e propagandas que, de alguma forma, diminuíram a imagem negra.

### 5.5 Referencial prático de livros similares

A concepção de livros ilustrados para crianças com a temática racial já é algo desenvolvido por alguns artistas, e estes serviram de inspiração para a criação deste projeto. Esse formato é de extrema importância, pois auxilia na formação crítica e no processo de letramento racial das crianças. Seguem exemplos:

#### 5.5.1 Amoras Emicida

Figura 2 – Livro “Amoras”



Fonte: Companhia das Letras

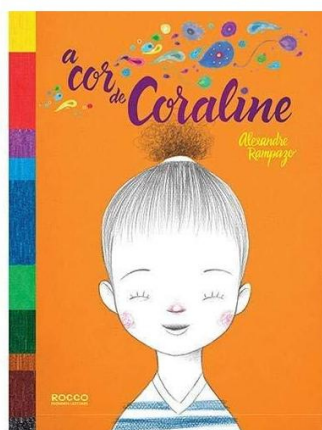
Disponível em: < <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/41343.pdf> >

Acesso em: 10 de novembro de 2023

No livro “Amoras” do artista Emicida, é narrada a história de uma garotinha que, em uma conversa com o pai, debaixo de uma amoeira, passa a refletir sobre sua identidade. O livro passeia por questões religiosas, porém em um aspecto do divino, trazendo de forma sutil e elucidadora a importância do respeito. A apresentação segue uma linha de design bem simples, com analogias, como a das amoras e a importância das pessoas negras, que serviram de inspiração para a criação de “Manuel Parda: O menino que nasceu sem cor”.

#### 5.5.2 A cor de Coraline

Figura 3 – Cor de Coraline



Fonte: Lendo e Aprendendo

Disponível em: <

[https://jardimdeinfancia304norte.com.br/wp-content/uploads/2020/04/livros/A\\_cor\\_de\\_Caroline.pdf](https://jardimdeinfancia304norte.com.br/wp-content/uploads/2020/04/livros/A_cor_de_Caroline.pdf)>

Acesso em: 10 de novembro de 2023

Servindo como inspiração para “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor” o livro “A cor de Coraline” faz do elemento “lápiz de cor” um importante fio condutor no processo de letramento racial. O autor explora os inúmeros sentidos que a simples afirmação “lápiz-cor-de-pele” tem.

### 5.5.3 Sulwe

Figura 4 – Sulwe



Fonte: ROCCO Pequenos Leitores

Disponível em: <

[https://paulistinha.unifesp.br/images/2021/sessao\\_simultanea\\_leitura/Sulwe\\_-\\_Lupita\\_Nyongo.pdf](https://paulistinha.unifesp.br/images/2021/sessao_simultanea_leitura/Sulwe_-_Lupita_Nyongo.pdf)>

Acesso em: 10 de novembro de 2023

A abstração nas metáforas entre a cor da noite e a pele da protagonista de Sulwe foi inspiração para a criação das próprias metáforas que são apresentadas no presente projeto e que passeiam pelo campo das comidas. Em “Sulwe” a autora Lupita Nyongo estabelece uma reflexão voltada sobre a autoestima de crianças negras de pele retinta.

## **6 METODOLOGIA**

Para a elaboração do projeto, em um primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico com textos, teses, artigos, livros e demais produções acadêmicas que trabalham as questões: Raça, Cor, Autodeclaração Racial, Pardos, Pardos no Ceará.

Como complemento, a própria trajetória acadêmica do autor do trabalho, Raimundo de Sousa, auxiliou na aplicação desses conteúdos para o trabalho, visto que, durante toda a sua trajetória acadêmica, esteve próximo às questões raciais. Como membro do Projeto de Extensão e Tutoria da UFC, participou do Grupo de Estudos Decoloniais, coordenado pelo professor Robson Braga, em que teve proximidade a assuntos ligados a Comunicação e Raça, posteriormente desenvolvendo trabalhos artísticos nessa mesma vertente.

### **6.1 Bibliografias:**

Os textos, ensaios, artigos e estudos foram reunidos, lidos e analisados, como já feito anteriormente neste relatório. Alguns conceitos-chave que nortearam a pesquisa foram extraídos e filtrados para serem aplicados na pesquisa.

- Textos, artigos, livros e ensaios acadêmicos com as temáticas de pardos no Nordeste e limbo racial dos pardos. foram utilizados para embasar algumas das questões levantadas durante a narrativa do trabalho.

### **6.2 Elaboração visual;**

Para elaboração do processo de construção visual do livro, pensou-se primeiramente na forma como seria retratado Manuel. O fato de o livro carregar em seu título “O menino que nasceu sem cor” deu início a um importante desafio de como representar a ideia da ausência

de cor.

### **6.3 Conceito;**

O primeiro desafio conceitual do livro foi a escolha de como seria a representação visual do Manuel, sendo o menino sem cor. Comumente tem-se o preto como definição prática para a ausência de cor. Porém, no contexto do livro, se fosse inserida a cor preta para a representação do protagonista, essa escolha poderia causar ruído na comunicação da mensagem, pois, nesse contexto, a cor preta não representaria a ausência de cor. Pelo contrário, ela poderia ser lida como uma representação de pessoas pretas retintas, justamente pela temática do livro estar inserida no campo racial. Deste modo, o uso da cor preta junto ao Manuel poderia distorcer totalmente a mensagem a que se propõe o livro.

Sendo assim, para efetivar a construção prática do livro “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor” foi levada em consideração a ideia de que, para além de não ter cor, a figura do Manuel deveria possibilitar as crianças uma identificação. Nesse sentido, foram utilizados dois recursos estéticos para dar materialidade a “não-cor” do personagem. O primeiro consistiu na representação do Manuel como um desenho feio por meio de lápis. Essa representação apresenta uma estrutura simples composta de um círculo, e cinco palitos, sugerindo ao leitor uma figura humana.

Esta escolha se deu para evitar caracterizar o Manuel com algum traço que possa, no primeiro momento, atribuir a ele fenótipos específicos de algum grupo racial. A ideia é permitir que as crianças leitoras possam se identificar com o personagem, e refletir com ele sobre os atravessamentos raciais que são evocados ao longo do livro. Sendo assim, ao representar o Manuel dessa forma, impede-se o processo de atribuir a ele uma cor, efetivando assim o tensionamento ao qual se propõe o livro. Ademais, por meio dessa representação, é criado também no leitor uma expectativa sobre como é a aparência do protagonista.

Figura 5– Rascunho do protagonista do livro



Fonte: Arquivo pessoal

O segundo recurso estético para materializar a “não cor” do personagem Manuel se fez com o modelo de impressão adotado. No livro impresso, as páginas em que a versão mais humanizada de Manuel aparece contêm uma representação que se dá por meio do contorno em uma folha vazada, sugerindo a figura de um menino. Representar o personagem dessa maneira mostrou-se uma saída estratégica para justamente não “pintar o menino sem cor”.

#### **6.4 Roteiro**

Com o conceito visual estabelecido sobre como seria representado o protagonista, foi posteriormente produzido o roteiro para construção prática do livro. O roteiro foi dividido para obedecer a duas especificações, a de texto e a de ilustração. Esta segunda serviu para auxiliar posteriormente o desenho dos sketches, a etapa anterior às ilustrações de fato. Cada capítulo do livro foi escrito seguindo esse modelo, que pode ser observado no anexo abaixo:

Figura 6– Rascunho do roteiro do livro

TEXTO	CENA
<b>QUADRO 01</b> “Nas atividade de hoje vocês terão que desenhar toda a sua família. Papai, Mamãe, irmãozinhos...todo mundo.”	Plano detalhe apresenta a mão de uma pessoa branca, segurando um lápis em posição de escrita em uma lousa branca. Ela realiza o movimento de escrever
<b>QUADRO 02</b> “Pintem tudo e sejam criativos. Os lápis de cor estão nas carteiras...”	Plano aberto mostra uma sala de aula pela perspectiva de um aluno ao fundo. Professora em destaque ergue o dedo em riste com expressão de fala.  Na lousa está escrito ‘Desenhe sua família’. Apenas a silhueta dos alunos está representada.  Cores quentes

Fonte: arquivo pessoal.

## 7. DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO

### 7.1 Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor

O presente projeto se realiza como um livro e ferramenta educativa para o processo de letramento racial de crianças. Nesse sentido, cabe pontuar alguns aspectos na dinâmica de produção do mesmo.

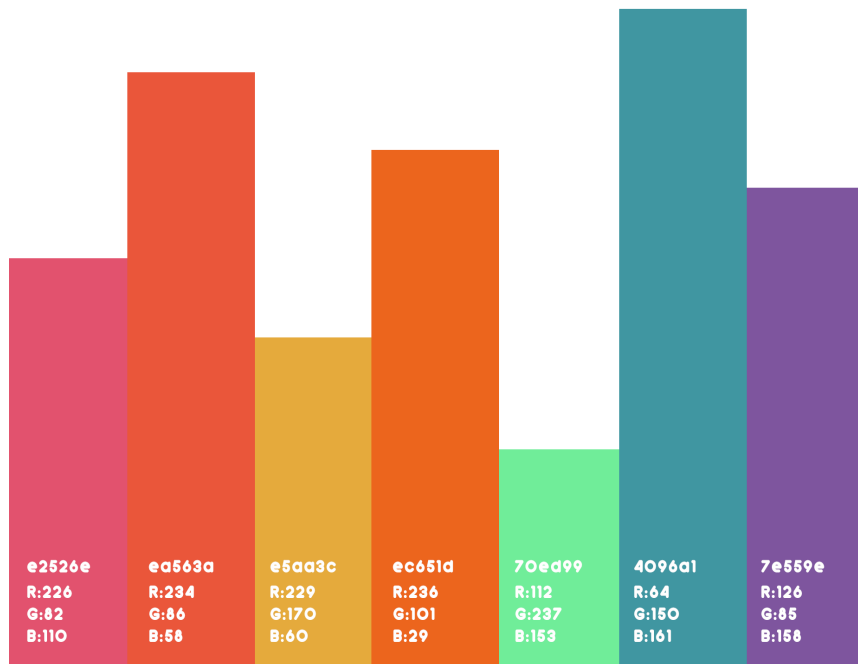
### 7.2 Paleta de cores

A paleta de cores em um projeto de design desempenha um papel essencial de transmitir as emoções intencionais que o texto e a ilustração se propõem. A cor por si só é uma potente ferramenta que auxilia em projetos visuais, principalmente na transmissão da mensagem.

“A cor não tem existência material: é apenas uma sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado à existência de dois elementos: a luz e o olho.” (PEDROSA, 2008, p.17).

A paleta adotada no livro teve a intenção de passar uma regionalidade com cores mais quentes e saturadas, principalmente para os ambientes em que os personagens estão inseridos.

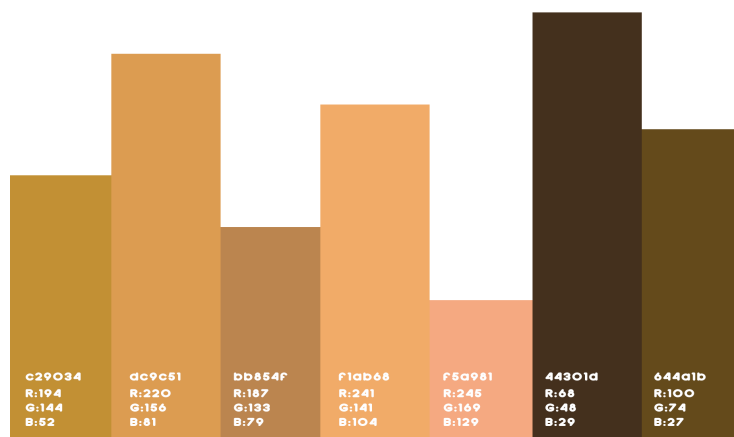
Figura 7–Paleta de cores



Fonte: Arquivo pessoal

Além disso, foi feito o uso de diferentes tonalidades de marrom, ocre, sépia, bege na representação da variação dos tons de pele existentes.

Figura 8–Paleta de cores



Fonte: Arquivo pessoal

### 7.3 Tipografia

Para a materialização do texto da narrativa, foi adotada a tipografia Dunklin. Esta tem uma forma suave, baseada vagamente no popular logotipo da franquia de restaurantes “Dunkin’ Donuts”, fazendo com que sua estrutura visual seja adequada para crianças.

Na sua configuração estão incluídos alfabeto completo, letras minúsculas, e acentos. Além de ter disponíveis as versões em negrito, itálico, negrito-itálico.

Figura 9–Paleta de cores.

**Dunkin**  
AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMmNnOo  
PpQqRrSsTtUuVvWwXxYyZz  
1234567890@#\$%^&\*()

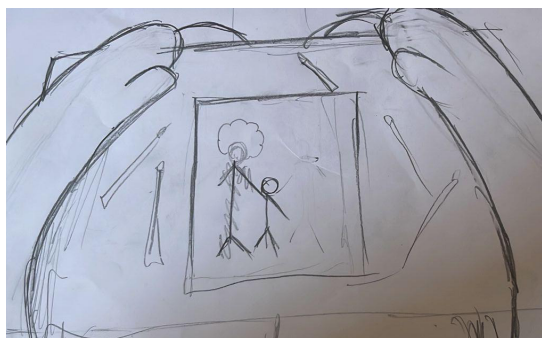
Fonte: Arquivo Pessoal

### 7.4 Sketches

Na construção de um trabalho visual, um dos passos iniciais para a materialização do mesmo é a elaboração dos sketches. Estes são uma técnica de esboços soltos e descompromissados.

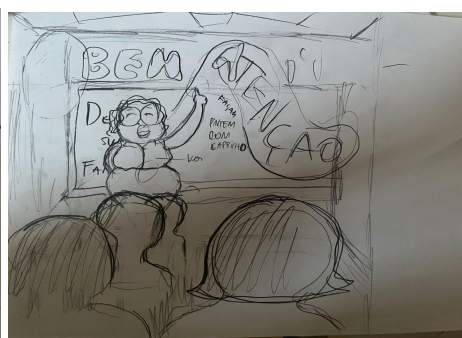
Neste sentido, durante o processo de produção do livro, foram realizados diversos sketches para definir aspectos fundamentais das ilustrações. Alguns exemplos em anexo:

Figura 10 –Sketches livro



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11 –Sketches livro



Fonte: Arquivo pessoal

A elaboração dos sketches forneceu uma base para as ilustrações efetivas do livro, posteriormente feitas em softwares de design.

## 7.5 Ilustrações

Como citado, a representação do protagonista seguiu a ideia de apresentá-lo em uma forma “humana” de desenho. Permitindo assim a não identificação racial do Manuel. Abaixo seguem os resultados das ilustrações:

Figura 12- Ilustração I



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 13 – Ilustração II



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 14- Ilustração III



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 15 – Ilustração IV



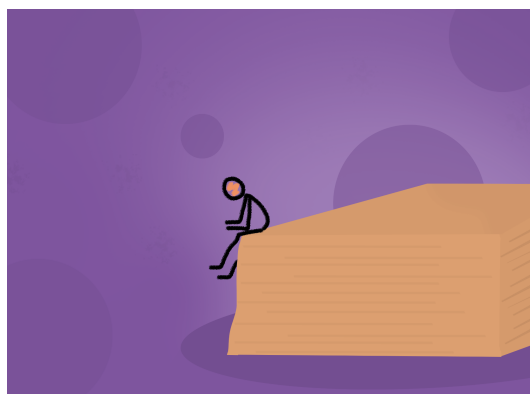
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 16- Ilustração III



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 17 – Ilustração IV



Fonte:Arquivo pessoal

As metáforas utilizadas tiveram a função de tornar lúdico para as crianças o processo de apreensão dos conceitos raciais abordado. Trechos que discutem os termos “queimado de sol”, “café com leite” são apresentados de forma literal.

Figura 18- Ilustração V



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 19 – Ilustração VI



Fonte:Arquivo pessoal

Como citado anteriormente, o segundo recurso estético utilizado se fez presente na impressão do livro, sendo representado na silhueta do protagonista. Como está na imagem abaixo.

Figura 20- Ilustração VII



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 22- Ilustração IX



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 24- Ilustração XI

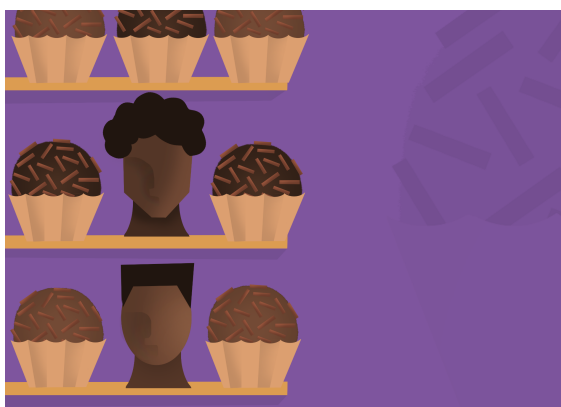
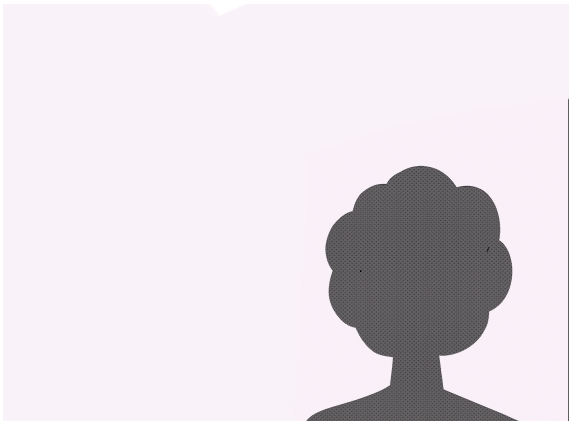


Figura 21 – Ilustração VIII



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 23 – Ilustração X



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 25 – Ilustração XII



Fonte:Arquivo pessoal

Fonte:Arquivo pessoal

Figura 26- Ilustração XIII

Figura 27 – Ilustração XIV



Fonte:Arquivo pessoal

Fonte:Arquivo pessoal

Figura 28- Ilustração XV

Figura 29 – Ilustração XVI



Fonte:Arquivo pessoal

Fonte:Arquivo pessoal

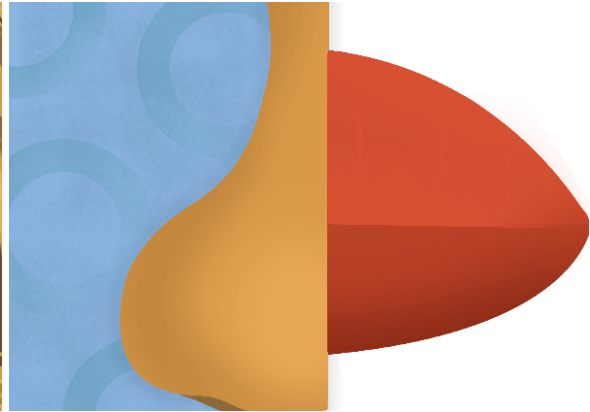
Figura 30- Ilustração XVII

Figura 31 – Ilustração XVIII



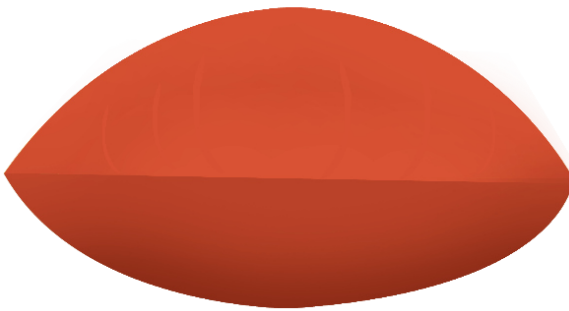
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 32- Ilustração XIX



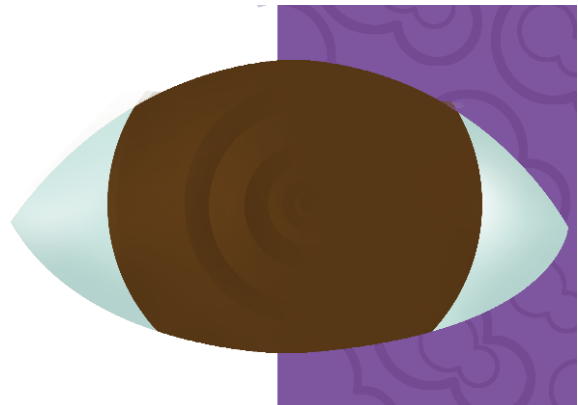
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 33 – Ilustração XX



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 34- Ilustração XXI



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 35 – Ilustração XXII



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 36- Ilustração XXIII



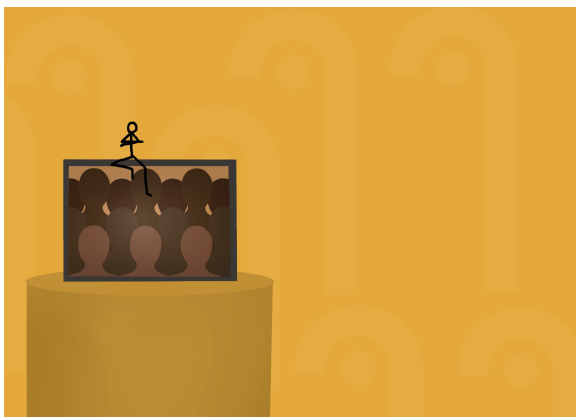
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 38- Ilustração XXV



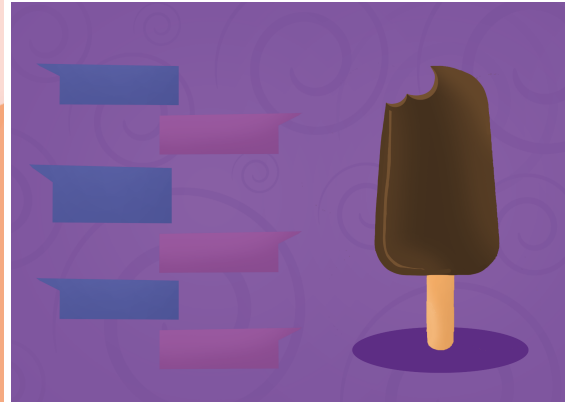
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 38- Ilustração XXVII



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 37 – Ilustração XXIV



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 39 – Ilustração XXVI



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 39 – Ilustração XXVIII



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 40- Ilustração XXIX



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 42- Ilustração XXXI

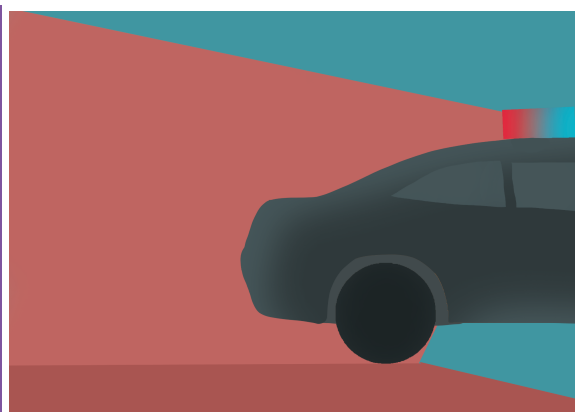


Fonte:Arquivo pessoal

Figura 44- Ilustração XXXI

Fonte:Arquivo pessoal

Figura 41 – Ilustração XXX



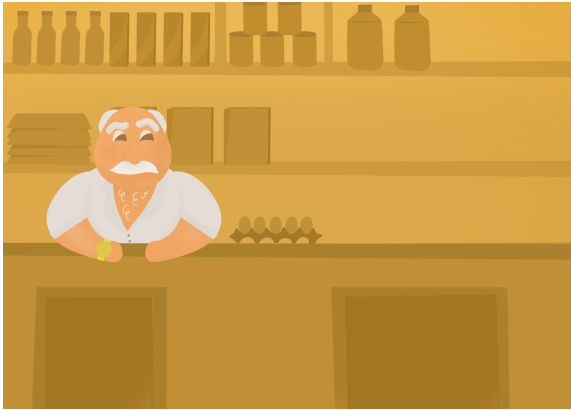
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 43 – Ilustração XXXII



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 45 – Ilustração XXXII



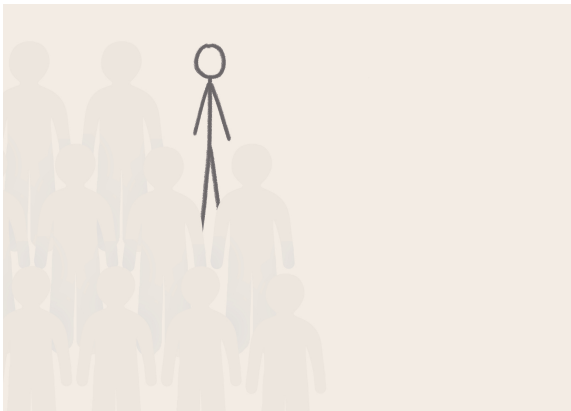
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 46- Ilustração XXXIII



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 47 – Ilustração XXXIV



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 48- Ilustração XXXV



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 39 – Ilustração XXXVI



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 46- Ilustração XXXVII



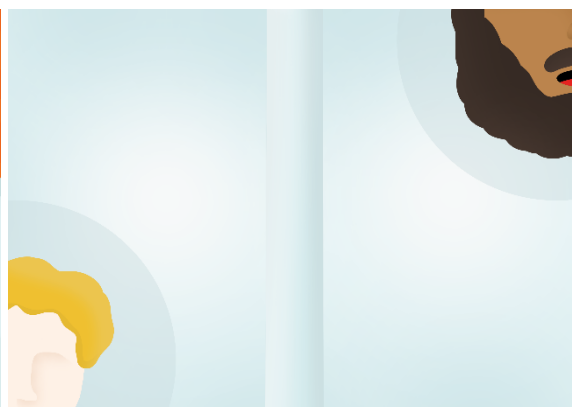
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 47 – Ilustração XXXVIII



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 48- Ilustração XXXIX



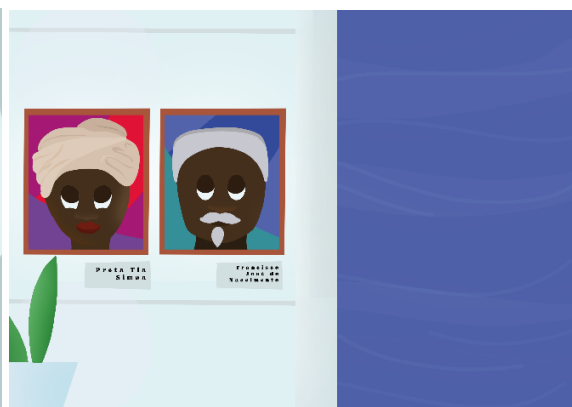
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 49 – Ilustração XL



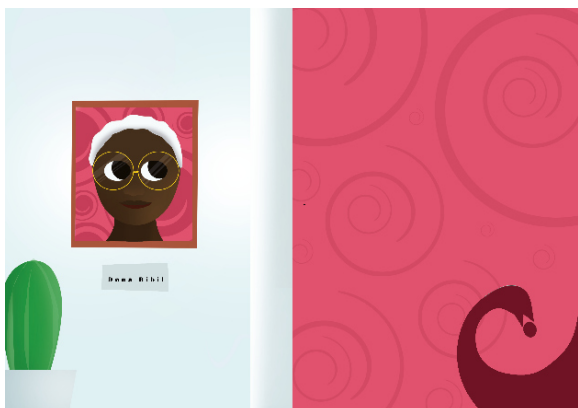
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 48- Ilustração XLI



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 49 – Ilustração XLII

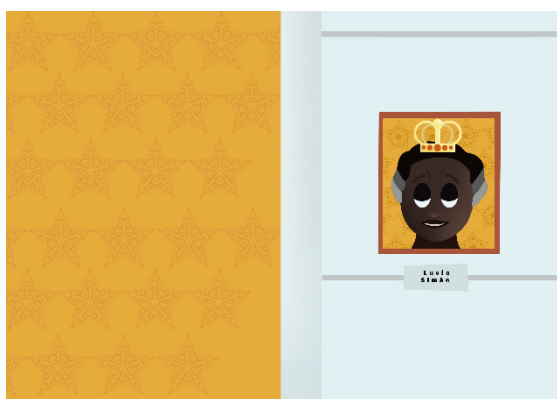


Fonte:Arquivo pessoal



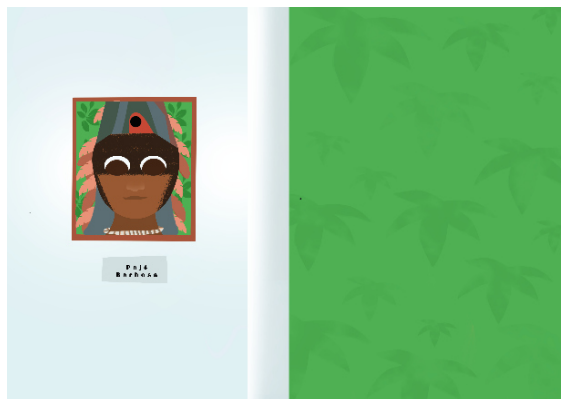
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 48- Ilustração XLIII



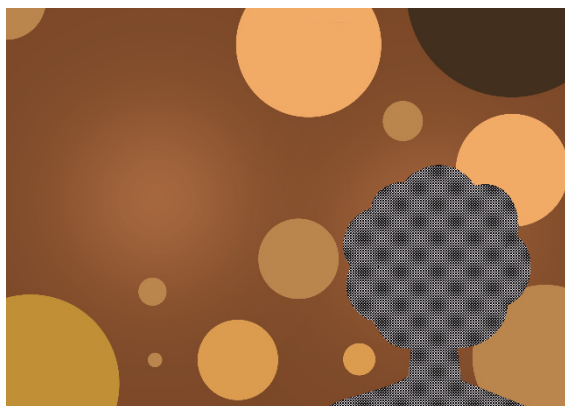
Fonte:Arquivo pessoal

Figura 49 – Ilustração XLIV



Fonte:Arquivo pessoal

Figura 48- Ilustração XLV



Fonte:Arquivo pessoal

## 7. CONCLUSÕES

Conclui-se com o presente projeto “Manuel Pardal: O menino que nasceu sem cor” que a problemática relacionada ao “limbo racial” em que se encontram muitos pardos no Brasil e, especificamente, no Ceará, foi abordada por meio de ilustrações e adequada para o público infantil, a partir de 8 anos, trazendo o contexto de uma história ficcional sobre uma criança que está descobrindo sobre sua identidade racial.

Este trabalho, portanto, apresenta-se como uma ferramenta pedagógica de auxílio ao processo de letramento racial de crianças de 8 a 10 anos, sendo ambientado no Ceará, mas também podendo ser utilizado para crianças maiores de 10 anos, e de outros estados, para que estas possam entender e localizar a ideia do pardo. Esse processo auxilia na formação de um pensamento crítico e combativo à ideia negativa que é construída do negro, somando forças para uma formação educativa de crianças alinhadas com um pensamento antirracista, e que assumam seus pertencimentos raciais, com orgulho de suas histórias e dos heróis e heroínas negras.

Ao observar o produto final percebe-se que o conjunto das ilustrações, juntamente com a história elaborada sobre o Manuel, contribui para a elucidação e até o levantamento de diversas questões sobre o grupo racial dos pardos no Ceará, entendendo geograficamente e socialmente o que significa pertencimento racial para essas pessoas.

Por meio de inúmeras metáforas, são exploradas as nuances das particularidades dos grupos raciais. Para além disso, o trabalho possibilitou o alinhamento de diferentes conhecimentos técnicos e estéticos da formação publicitária do autor, junto com sua trajetória artística e de pesquisa dentro da academia. Foi permitido com que o autor explorasse seus interesses nos estudos sobre comunicação e raça, alinhado à produção de um produto que apresenta conhecimentos práticos de design, direção de arte, redação, comunicação visual e outros aspectos formativos do Curso de Publicidade e Propaganda.

## 8. REFERÊNCIAS

SILVA, Dilma de Melo. A imagem do negro no espaço publicitário. In: O negro nos espaços publicitários brasileiros. São Paulo: [s.n.], 2011. p. 19-23.

DAFLON, Verônica Toste. Tão longe, tão perto: pretos e pardos e o enigma racial brasileiro. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PETRUCCELLI, José Luis. Raça, identidade, identificação: abordagem histórico-conceitual. In: PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lúcia (org.). Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 13-31.

SILVA, Fernanda Pereira da. Super-heróis negros: referências para a educação das relações étnico-raciais e ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. 2018. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, Luciana. Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 2, e74733, 2022.

GOMES, Lauro Felipe. Ser pardo: o limbo identitário-racial brasileiro e a reivindicação da identidade. [S.l.], v. 5, n. 1, p. 67-78, 2019.

OLIVEIRA DE SILVA, Dalmo. Negritude midiática: pretos, pardos, morenos, mestiços e a discursividade racial na mídia brasileira. São Luís: [s.n.], 2008.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, Teun A. (org.). Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008. p. 73-118.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. Rio de Janeiro: Record, [s.d.].

BENTO, Cida. Pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

PEDROSA, Israel. Da cor à cor inexistente. 10. ed. São Paulo: Senac, 2008.

PEIXOTO, Kércia Priscilla. Racismo contra indígenas: reconhecer é combater. *Anthropológicas*, [S.l.], p. 27-56, 2017.

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

VAN DIJK, Teun A. El estudio del discurso. In: VAN DIJK, Teun A. (org.). *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa, 2000. p. 21-65.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: EDUSP, 1998.

AURELIANO, Niara Oiara da Silva; SANTANA, Nara Maria Carlos de. Quem é pardo no Nordeste brasileiro? Classificações de “morenidade” e tensões raciais. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 94-117, 2021.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.